ULTIMO SONETO DE D[illegible]RAIS

(Paisagem nata[illegible]

Uma praia onde um rio espreguiça-se lento,
Amarelo de barro entre o verde do mangue...
E uma garça de neve arrepiada ao vento,
Triste, paciente e só, contemplativa e langue.

É a paisagem natal, que no seu pensamento
A existência guardou — a existência, um harfangue
De garra adunca, e fauce rubra, e olhar sedento
Voando sôbre um mar esfíngico de sangue.

Palmeiras ciciando, em surdina, ao sol pôsto,
A música sutil, que à memoria recorda
Uma aurora de Maio e uma tarde de Agôsto.

A paisagem natal da aquarela transborda.
Revive na saudade e nasce no desgosto:
Lira que estala na alma a derradeira corda.